

A Educação na Crise do Capitalismo Contemporâneo

Renata Leite Moura¹

Resumo: O presente artigo aborda historicamente os distintos modos de produção com finalidade de compreender a crise contemporânea do Capital e sua influência na educação. Este trabalho optou metodologicamente por uma revisão teórico-bibliográfica com base, principalmente, em MANACORDA (1997), SANTOS (2012), entre outros. Descrevendo posteriormente os quatro períodos econômicos da história da humanidade, acompanhado por aquele que, segundo Marx, viria a suceder o capitalismo, o socialismo. Faz-se necessário salientar que as instituições escolares passam por diversas reformulações, para atender as indigências da sociedade vigente em cada época, cumprindo o papel que lhe é imposto em seu contexto histórico social. Isto é, adequa-se aos modelos de administração. Passando por uma educação instituída pela família na Idade Antiga que tinha seu dever na formação do intelecto e do corpo para a elite e, no máximo, escolas de ofício, para o aprendizado de artesanato para os oprimidos, notamos que na divisão de classe é perceptível vantagens para uma minoria que detém o poder. Mantendo sua hegemonia durante a Idade Média onde além dos dominantes deterem as melhores formas de ensino, o conhecimento se vê preso a dogmas religiosos. Salvo a criação de universidades no mesmo período que, somente eram submetidas ao papado, comportavam disciplinas científicas e filosóficas. Com a expansão do capitalismo e suas revoluções vem à tona o lema "Liberdade, Igualdade e Fraternidade" mascarando a real intenção do novo poder econômico. O capital traz consigo avanços tecnológicos e mesmo assim não é capaz de evitar a exploração do homem pelo homem. No limite, contenta-se e, quando muito, em atenuar a linha entre as desigualdades sociais dissimulando através de subdivisões econômicas para fins de nomenclatura. Pois, a única distinção real é classe dominante e classe dominada.

Introdução

Como intermédio para se entender o presente, devemos nos utilizar do passado. Desse modo para interpretar a atual crise estrutural do capital é fundamental traçarmos uma linha do tempo para análise de todas as mudanças que esse sistema trouxera consigo para a sociedade como um todo, mas especificamente para a educação.

¹ Graduando da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (Feclesc-UECE) na área de Licenciatura Plena em Pedagogia, cursando o terceiro semestre. E-mail: reh.zinhaa@hotmail.com

Segundo Quintaneiro, Barbosa e Oliveira (2000) no decorrer da obra de Marx, o mesmo discute distintos modos de produção², caracterizando, por conseguinte as etapas da história humana, estas são: *o comunismo primitivo, o antigo, o feudal, o capitalismo e o comunismo*.

De forma sucinta irei citá-los para melhor compreensão de como os meios de produção afetam a sociedade como um todo, e que desse modo, estamos condenados a suprir necessidades de uma minoria privilegiada que detém as forças de produção e a concentração de renda mundial, por consequência da globalização.

A sociedade comunista primitiva situa-se em um período que abrange o aparecimento da humanidade. As relações de produção eram coletivas, pois os homens trabalham em conjunto para fornecer alimento a todos, tudo era dividido entre os seus não existia a ideia de Estado, propriedade privada e tampouco divisão de classes. Esse modo de produção entra em declínio quando o homem passa a se apropriar de terras e dominar seus semelhantes.

Posteriormente na sociedade antiga que tinha como principal exemplo Roma e Grécia, a sociedade dividia-se em duas classes: de um lado, os senhores e do outro os escravos. Portanto, as relações de produção³ eram relações de domínio e submissão, opondo senhor e escravo. Pois, os senhores eram proprietários da força de trabalho escrava, dos meios de produção e do produto do trabalho.

A sociedade feudal predominou durante a Europa Medieval, diferentemente do que havia na sociedade antiga os senhores de terra não mais detinham a força de trabalho escrava como propriedade, surge um novo tipo de classe: a classe dos servos. O modo de produção da época era trabalhar para garantir a sobrevivência da família do camponês e os requintes dos senhores feudais por meio da agricultura. Além de apropriar-se do que era produzido pelos camponeses os “donos de terra” cobravam altas taxas de imposto pelos bens ofertados em mercados semanais nas proximidades do

² Designa a maneira pela qual a sociedade se organiza visando garantir a produção das suas necessidades materiais, de acordo com o nível de desenvolvimento de forças produtivas. Ou seja, um modelo para compreender as sociedades ao longo da história. (Disponível em: <http://www.pcb.org.br/portal/docs/modosdeproducao.pdf>)

³ “Diferentes formas de organização da produção e distribuição, de posse e propriedade dos meios de produção, bem como suas garantias legais, constituindo-se, dessa forma, no substrato para a estruturação das classes sociais.” (QUINTANEIRO, BARBOSA e OLIVEIRA, 2000).

reino. As condições e leis dessa sociedade entram em conflito gerando uma crise, a qual abre caminho para um novo modo de produção, a sociedade burguesa.

Surge a sociedade capitalista ou burguesa, dividida em duas classes: classe dominante e classe dominada, toda e qualquer derivação como “classe a, b, c ou d” demonstra apenas a preocupação do capital em se mostrar flexível, o que de fato veremos que não é bem assim, Ao contrário do que vimos no feudalismo, o trabalhador vende sua força de trabalho por determinada quantia (salário) para proprietários dos meios de produção. Trata-se de uma produção voltada para a acumulação de lucro, explorando trabalhadores, que obrigados pelo mercado vendem sua força de trabalho para sobreviver. Essa fase é subdividida em quatro estágios os quais pretendo explorar mais a frente, dando ênfase nas contribuições e mudanças que trouxeram para o mundo.

Marx se empenha em vislumbrar o próximo estágio de sociedade que virá a substituir o capitalismo, dando-lhe o nome de comunismo. Importante salientar neste momento que não se trata de voltar aos primórdios da existência humana e sim desenvolver um sistema econômico voltado para a igualdade de todos, para além do papel. Nas palavras do próprio Marx, o socialismo

Na fase superior da sociedade comunista, quando houver desaparecido a subordinação escravizadora dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, o contraste entre o trabalho intelectual e o trabalho manual; quando o trabalho não for somente um meio de vida, mas a primeira necessidade vital; quando, com o desenvolvimento dos indivíduos em todos os seus aspectos, crescerem também as forças produtivas e jorrarem em caudais os mananciais da riqueza coletiva, só então será possível ultrapassar-se totalmente o estreito horizonte do direito burguês e a sociedade poderá inscrever em suas bandeiras: de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades. (Karl Marx apud in Secretaria Nacional de Formação Política do Partido Comunista Brasileiro, 2010).

Descritos os sistemas econômicos que permearam em nossa história e aquele que vislumbramos alcançar o presente artigo mostra que a humanidade em sua linha do tempo sempre almeja tirar vantagem de seus semelhantes, sabendo disto como ponto de partida veremos a relação entre o capital e a educação. Seria o capital realmente influente na educação?

Perspectiva histórica da Educação

A educação na Idade Antiga estava centrada na formação integral (corpo e espírito) a ênfase da educação se demandava mais, ora para o preparo físico, ora para o debate intelectual conforme a época e o lugar. Quando não existia a escrita, a educação era dada pelas famílias seguindo a tradição religiosa, os jovens da elite eram deixados a cargo dos preceptores⁴. Com o surgimento das *Polis* nascem as primeiras escolas, mas mesmo com o aparecimento da oferta escolar, a educação permanecia elitizada.

Para as classes dominantes uma escola, com método diferenciado que visa preparar para as tarefas de poder que são o “pensar” e “falar” política e o “fazer” guerreiro. Para as classes oprimidas existia a escola para os escravos, embora menos organizadas e institucionalizadas. Eram escolas técnicas e profissionalizantes, ligadas aos ofícios e às práticas de aprendizado das diversas artes. As meninas não recebiam qualquer educação formal, mas aprendiam os ofícios domésticos e os trabalhos manuais com as mães.

A educação na Idade Média se fundamenta na concepção do homem como criatura divina, apenas de passagem pela Terra e que deve cuidar, em primeiro lugar, da salvação da alma e da vida eterna. Tendo em vista as possíveis contradições entre fé e razão, recomenda-se a consulta aos grandes sábios e intérpretes, autorizados pela igreja, sobre a leitura dos clássicos e dos textos sagrados. Evita-se, assim, a pluralidade de interpretações e se mantém a coesão da igreja. Predomina a visão teocêntrica, a de Deus como fundamento de toda a ação pedagógica. Quando às técnicas de ensinar, a maneira de pensar rigorosa e formal cadê vez mais determina os passos do trabalho escolar.

Apesar da rigidez a educação na Idade Média era bem divulgada, onde muitos tinham acesso ao meio educacional, inclusive pessoas menos favorecidas. De uma maneira geral, existiam dois sistemas educacionais que se configuravam nos meados do mundo medieval, dentre eles podemos primeiramente evidenciar o ensino religioso que tinha dentre muitos objetivos, o de preservar os domínios da igreja. Basicamente esse sistema educacional era subdividido em outras formas de ensino como: O Monástico, Episcopal e Paroquial. O segundo grande modo de ensino destinava-se com menos ênfase a religiosidade. Tinha um caráter técnico e profissionalizante. Temos também

⁴ Profissional de nível superior, responsável pela integração teoria-prática num campo de estágio e/ou residência. Ensina, supervisiona, orienta e conduz o aluno na prática da futura profissão. (DICIONÁRIO INFORMAL, acessado em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/preceptor/>)

subdivisões desse sistema de ensino como: As escolas Palatinas, Senhorias, Técnicas e Domésticas.

Outra estrutura educacional na Idade Média que não pode deixar de ser lembrada eram as universidades. Estas instituições de ensino estão submetidas ao papado, por terem sido criadas por ele e por precisarem de sua autorização para seu pleno funcionamento. É uma instituição extremamente influenciada pela igreja. Como o próprio nome já diz as universidades incluem um universo de conhecimento, não se restringindo apenas ao ensino da teologia, mas tendo programas complexos que comporta todas as grandes disciplinas científicas e filosóficas.

No século XII começa a destacar-se o homem burguês, pois o comércio na Europa toma grande impulso com a revolução industrial na Inglaterra. Ocasionalmente a migração dos campos para a cidade, surgindo assim novos empregos. Esta dinâmica faz necessário o investimento na educação dessas pessoas oriundas do campo. Essa educação não é institucional ou sistematizada, era apenas uma educação informal que visava principalmente o treinamento da mão de obra e o mínimo de desenvolvimento para essa classe operária.

Este movimento comercial intenso traz consigo também novas necessidades de conhecimento, pois a troca de mercadorias com outras cidades torna indispensável o domínio de conteúdos como aritmética para auxiliar no cálculo de impostos e negócios de compra e venda. A astronomia para auxiliar-se na orientação das viagens. A retórica para desenvolver a argumentação nos negócios assim como muitas outras linhas do conhecimento.

Toda essa transformação social e política repercute na educação culminando com a criação das primeiras escolas de ensino sistematizado que diferentemente dos tipos de escolas anteriores, dominadas pela igreja, diversificam seu conteúdo para atender assim as necessidades da classe burguesa que se encontra em ampla expansão. Uma educação primária para as massas e uma educação superior para os técnicos eram, em essência, o que a burguesia exigia no campo da educação.

Portanto, nota-se a partir desse momento que com a intensificação da sociedade burguesa as necessidades da educação devem se adaptar ao que o mercado econômico precisa o que não é novidade, pois a educação se adapta a sociedade, a escola nada mais

é que a reprodução social no âmbito escolar. Ou seja, o tipo de escola que possuímos hoje, na sociedade capitalista, é a escola necessária para a expansão de capital e maior rentabilidade do mesmo. Que não propicie apenas mão de obra, mas que perpetue a relação de dominação. Portanto, não devemos esperar que nossos governantes tivessem a real preocupação com a educação infantil em nosso país, como prova disto historicamente, a escola sempre foi usufruída por elites que detinham o poder.

Crise estrutural contemporânea e os reflexos na educação

Dando ênfase ao momento histórico em que nos encontramos, discorrei os graves problemas enfrentados pela educação em meio à crise estrutural que enfrenta o capitalismo. Os conceitos de globalização, neoliberalismo e pós-modernismo aparecem no século XXI *como os pilares hegemônicos capazes de solucionar os problemas do povo*, (SANTOS, 2012) principalmente a população dos países subdesenvolvidos.

Faz-se necessário evidenciar qual o modelo de globalização que perpetua no mundo atual. De forma objetiva seria o controle de um terço do PIB mundial por apenas duzentas empresas pertencentes a dez países, dos quais nenhum país da América Latina ou África está incluso.

Desse modo, o capital se mostra em expansão rápida e versátil interagindo com os quatro cantos do mundo, entretanto se ocorre uma crise econômica todos somos atingidos como, por exemplo, podemos citar as crises dos E.U.A. (2008) e mais recentemente da Europa (2011) que devastaram a produtividade da sociedade inteira afetando até mesmo donas de casa em suas residências no interior do Ceará com o aumento dos produtos de limpeza. Todavia, essa versatilidade de informações não ocorre quando grandes descobertas viram preços no mercado, excerto que a humilde dona de casa tenha condições financeiras de “usufruir” de tais criações.

O capital não se empoe limites, o que interessa a ele é a expansão dinâmica e a sua rentabilidade, lucro. Por consequência disto, vivemos uma situação de condições rudimentares de vida altas taxas de desemprego, precariedade nos sistemas de saúde, transporte e educação, a fome, moradias inapropriadas, ausência de saneamento básico, entre outros. Salientando cada vez mais que para alguns serem ricos outros têm de “pagar” pela sua riqueza.

O neoliberalismo propõe-se a realizar uma leitura político-econômica da realidade, como resposta a insolvência das políticas públicas do Estado de bem-estar social, apresentado como solução à liberação total do público para o privado, deixando a cargo do mercado o que é dever do governo. A teoria pós-moderna visa garantir a crença teórico-acadêmica de que o máximo que a classe dominada pode realizar são organizações particulares para a defesa de direitos específicos, desviando a atenção do geral para o particular de cada grupo.

Em síntese segundo Santos (2012), a crise estrutural do capital atualmente manifesta-se em caráter universal obtendo verdadeiramente um alcance global em uma escala de tempo extensa e rastejante, diferindo das antigas crises enfrentadas no passado. As principais características da crise são: queda do lucro, esgotamento do padrão taylorista-fordista de produção, hipertrofia da esfera financeira, maior concentração de capital, crise do Estado de bem-estar social e incremento acentuado das privatizações.

A crise estrutural do capital atinge a educação de maneira nefasta, em um primeiro momento com o corte de verbas destinado a área. Em seguida, para a reorganização do processo produtivo, visando à recomposição do lucro dita a função escolar para a formação do trabalhador, criando o “novo modelo” qualificando-o para melhor servir o capital, aplicando investimentos no desenvolvimento de habilidades em melhor servir o capital, aplicando investimentos no desenvolvimento de habilidades em áreas específica, sem ampliar o conhecimento. A fim de proporcionar um pensamento alienado sobre as relações humanas. Desse modo, o controle do conhecimento pertencente a quem domina economicamente a política. *Para fazer feliz a sociedade e manter contentes as pessoas, ainda que nas circunstâncias mais humildes, é indispensável que o maior número delas seja pobre e, ao mesmo tempo, totalmente ignorante.* (MANDEVILLE, 1982).

Somente com uma mudança estrutural da sociedade, das relações sociais de produção baseadas na propriedade privada dos meios de produção e na exploração do trabalhador, é que a educação poderá contribuir para a formação integral do ser humano, acabando-se com a unilateralidade na formação dos indivíduos, a qual é inerente à sociabilidade onde impera a divisão do trabalho. (CARVALHO, 2009)

Considerações Finais

As instituições escolares durante o percurso da história da humanidade passam por diversas reformulações, com intuito de atender as necessidades da sociedade, para cumprir o papel que lhes é imposto no contexto social. Desse modo, com a expansão do sistema capitalista no século XVIII que deriva da revolução industrial na Inglaterra. A sociedade sofre mudanças nas suas formas de gerir o capital, e a educação adéqua-se aos novos modelos de administração.

Na década de 1980, o capitalismo atinge sua forma mais rebuscada. Com as mudanças tecnológicas avançadas, a economia de mercado ganha espaço e determina uma série de mudanças nos Estados. São as chamadas privatizações que progredem rumo à chamada globalização. Junto à moderna reforma de mercado, surge a carência de um novo “modelo” de trabalhador que domine as exigências vigentes. Ou seja, a educação se adéqua ao novo modelo de sociedade.

De acordo com a leitura de Guareschi (1986), a história nos mostra que a escola sempre fora utilizada para os grupos que detinham o poder. Se ela interfere nos planos da elite, ela é proibida, mas para formar cidadãos dóceis e soldados obedientes, ela é necessária. A partir disto, conclui-se que um dos problemas da educação, além de ter suas ações supervisionadas pelo Banco Mundial, é que nosso governo não está interessado em formar cidadãos críticos para indagar-se sobre as ações Governamentais.

Referências Bibliográficas

GUARESCHI, Pedrinho Alcides. *Sociologia crítica: alternativas de mudança*. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1986.

REAL, Giselle Cristina Martins. *Educação Infantil: Políticas públicas e ação institucional*. Campo grande, 2000. Dissertação de mestrado.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.

SANTOS, Deribaldo. A Crise estrutural do capitalismo: o verdadeiro mal-estar da contemporaneidade. Artigo, 2012.

CARVALHO, Elaci Costa Ferreira de. *A Crise estrutural do capital segundo o filósofo húngaro István Mészáros e seus reflexos na educação*. Artigo, 2009.

MANACORDA, Mario Alighiero. *História da Educação – da antiguidade aos dias de hoje*. Editora: Cortez, 1997.

SAVIANI, Dermeval. *Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e da educação*. In: CARVALHO, Elaci Ferreira de. *A crise estrutural do capital segundo o filósofo István Mészáros e seus reflexos na educação*. Artigo, 2009.

Secretária Nacional de Formação Política do Partido Comunista Brasileiro. *Curso de iniciação partidária modos de produção*. Disponível em: <http://www.pcb.org.br/portal/docs/modosdeproducao.pdf>